

**Tony Campolo**, *Following Jesus Without Embarassing God* (Dallas: Word Publishing, 1997) 276 pp.

Tony Campolo é um conhecido pregador norte-americano que é também professor de sociologia no Eastern College, no Estado da Pensilvânia. Palestrante famoso, destaca-se por sua veemente oratória, poder e força de convicção. Participante ativo de debates e programas de televisão, é também autor de inúmeros livros, sempre abordando temas atuais e relevantes à aplicação da fé cristã no mundo contemporâneo. Aqueles que já tiveram a oportunidade de ouvi-lo sabem que é impossível ficar indiferente perante suas colocações. Apresentando proposições raramente pacíficas, mas carregadas de polêmica, ele é mestre em fazer os seus ouvintes pensarem, desafiando-os a viver o cristianismo que professam. Essa tem sido sua grande contribuição neste fim de século.

Um dos problemas que podemos apontar no conteúdo de suas mensagens é a falta de uniformidade no embasamento bíblico de suas persuasões. Com a mesma força e convicção, Campolo apresenta pontos inquestionavelmente baseados em preceitos da Palavra de Deus, mas também nos traz colocações que refletem opiniões meramente pessoais, ou, em algumas ocasiões, uma visão pós-modernista da vida, com todos os modismos característicos de uma cultura que, se não é declaradamente anti-cristã, sem sombra de dúvidas também não é cristã.

O livro *Following Jesus Without Embarassing God* (Seguindo a Jesus Sem Causar Vergonha a Deus), ainda não traduzido para o português, é Campolo em sua totalidade, no que tem de melhor e pior. O livro trata da vida cristã prática, procurando divorciar o crente de posturas tradicionalmente "cristãs", mas questionadas por Campolo, numa tentativa de verificar se elas realmente refletem um cristianismo genuíno. Sob o enfoque de que nossas atitudes como crentes representam, muitas vezes, prejuízo e vergonha ao nome de Deus, em vez de testemunho eficaz, Campolo divide o livro em cinco seções principais, todas relacionadas com o "causar vergonha a Deus, ou seguir a Jesus corretamente":

- 
- No dia-a-dia
- 
- No crescimento espiritual
- 
- No exercício do pensar, em meio ao que se crê
- 
- Na ação social
- 
- Na vida familiar

Tanto o título do livro como os dos capítulos, em cada seção, evidenciam a perspicácia, acuidade de visão das situações correntes e excelente senso de humor do autor. Tratando descontraidamente das questões do dia-a-dia na primeira seção do livro, Campolo fala de "Como ser rico e ainda assim um cristão" (cap. 2) e, no capítulo seguinte, "Como exibir um estilo de vida cristão sem ter que mudar-se para uma comuna." O próximo capítulo trata dos *Amish*, tradicional denominação americana de origem alemã, conhecida por seu rígido estilo de vida nos moldes do século XVIII (cap. 4: "Como se proteger da tecnologia sem ter que se tornar um Amish"). Nesse capítulo, Campolo torna o que poderia ser uma

crítica impessoal e cruel de um modo de vida anacrônico, em um verdadeiro exercício de reflexão, no qual ele nos leva a questionarmos a aceitação acrítica da tecnologia em nossas vidas, e como ela interfere com a vida cristã no lar. Em toda essa seção, sua defesa da simplicidade e frugalidade de vida é bastante lógica, ao mesmo tempo em que reconhece a possibilidade de pessoas serem abençoadas materialmente e, ainda assim, manterem comprometer-se cristãos e demonstrarem uma preservação das prioridades divinas em seus círculos de ação.

O crescimento espiritual é examinado por Campolo nos capítulos da segunda seção. Em "Como falar de oração sem dizer coisas que depõem contra Deus" (cap. 6), ele trata do caráter misterioso da oração e alerta para considerações errôneas comuns que terminam por atribuir a Deus ações e atitudes estranhas ao seu caráter. O capítulo seguinte, "Como ter uma vida devocional sem ter que se tornar um monge" (cap. 7) tenta lançar o desafio de termos uma vida devocional mais intensa. "Como aguardar com expectativa a vinda de Jesus sem fixar datas" é o capítulo (8) em que Campolo lida, com surpreendente franqueza, sobre a questão da segunda vinda de Cristo, mostrando o equilíbrio raramente declarado entre uma expectativa escatológica e uma preocupação com as coisas colocadas por Deus em nossa frente, para serem realizadas. O sorvedouro humano no qual se transforma o ativismo cristão desequilibrado é o assunto de "Como envolver-se com a sua igreja sem deixar que ela o consuma" (cap. 9). O capítulo final desta seção (10), "Como discernir a vontade de Deus sem ouvir vozes dos céus," apresenta a necessidade de discernimento cristão e o erro de estagnarmos na expectativa, sem base bíblica, de revelações mais claras, quando a vontade de Deus já se faz presente em nossas vidas.

A terceira seção é uma abordagem das questões filosóficas da vida, na qual, em três capítulos, ele apresenta a necessidade de uma âncora de pensamento nas verdades imutáveis, mas, paradoxalmente, trata o pós-modernismo sob uma luz relativamente favorável (por exemplo, o cap. 13: "Como se apegar à religião tradicional sem abrir mão do mundo pós-moderno").

Na quarta seção temos a sua denúncia do racismo e da falta de ação social. Campolo apresenta críticas pertinentes, e não mede palavras para caracterizar a falta de cristianismo real existente em meios pseudo-conservadores que envergonham de fato o evangelho com suas posturas de vida. O capítulo final dessa seção ("Como ser positivo sobre as mulheres sem ser negativo sobre os homens" – cap. 17) é um dos mais polêmicos e controvertidos.

Na última seção, Campolo apresenta conselhos pertinentes às questões da vida familiar, definindo com precisão situações corriqueiras do dia-a-dia e mostrando a forma bíblica de reagir. No capítulo 18, "Como criar filhos sem morrer de culpa," ele tenta colocar chamas de esperança nos pais que observam, frustrados, o desenrolar da vida dos filhos por caminhos diferentes daqueles que haviam intencionado. A psicologia popular recebe algumas "bordoadas" no capítulo seguinte (19), e um tema por demais relevante é o assunto do capítulo 20: "Como ser sexualmente atraente sem tornar-se obscena." A última seção termina com o capítulo 22, "Como cuidar das pessoas sem ser explorado," no qual um assunto raramente abordado – o esgotamento emocional produzido por pessoas carentes na vida dos que as aconselham – é apresentado com toda franqueza, acompanhada de conselhos práticos.

A validade do livro é evidente, como pode ser visto pelos temas descritos acima. Entretanto, Campolo demonstra convicções ecléticas que perturbariam a maioria dos

cristãos de discernimento. Ele peca, por exemplo, na citação indiscriminada e, muitas vezes, desnecessária de personagens da história eclesiástica que nem sempre se destacaram pela ortodoxia ou pela contribuição à sã teologia cristã. Não são citações esclarecedoras sobre as posições dessas pessoas, mas, na realidade, "ganchos" expositivos ou de apoio às suas conclusões. O existencialista Sören Kierkegaard é repetidamente citado (pp. 4, 40, 43, 70, 88, 250, 267) como um grande contribuinte à vida cristã prática. Palavras do célebre liberal alemão Friedrich Schleiermacher, classificado como "o grande teólogo cristão do século XIX" (p. 124), também são citadas (p. 271) sem qualquer qualificação ou advertência quanto ao dano que seus ensinamentos causaram à fé cristã genuína. E assim se sucedem Paul Tillich (p. 125), Reinhold Niebuhr, chamado de "o principal filósofo cristão da história recente" (pp. 80, 81), Norman Vincent Peale, o "venerável deão da pregação americana" (p. 39) e outros.

A visão sincretista de Campolo também transparece quando ele apresenta uma apreciação condescendente e paternalista com relação ao Catolicismo Romano, considerando-o praticamente uma denominação (pp. 17, 27) em vez de uma distorção da religião verdadeira, que adora a Deus sem intermediários outros, senão Jesus Cristo. Campolo chega até a apresentar a posição monástica beneditina e suas práticas de meditação como alvos a serem emulados pelos protestantes (pp. 65, 67, 69). Semelhantemente, a falecida Madre Teresa de Calcutá (uma unanimidade quase universal – inquestionável em sua dedicação, mas inconseqüente e espiritualmente perigosa em sua mensagem) é citada em várias declarações (p. 58), algumas até desnecessárias ao argumento que está sendo exposto (p. 69), e apresentada como o produto de uma "boa teologia" (p. 105). Na maioria dessas citações, Campolo dá a impressão de que o seu interesse é mais o de citar personalidades, do que ilustrar e comprovar verdades. Sua compreensão pluralista pós-moderna também se evidencia quando defende a utilização de *linguagem inclusivista* (contraposta à chamada *linguagem exclusivista*, do gênero masculino), um fetiche predileto dos liberais da atualidade, para se referir a Deus de forma assexuada, como se fosse uma maneira *superior* de comunicação espiritual (p. 194). Chegamos a nos perguntar aonde Campolo quer chegar e que limites da ortodoxia ele quer forçar, quando expõe e defende os aspectos femininos de Jesus, de Deus e dos homens em geral (pp. 195-200) como uma realidade essencial a ser apreendida pelo cristianismo. O autor rende-se, com essa posição, a outro tema favorito dos pós-modernos, sem qualquer embasamento bíblico para tal. Campolo também acata, por razões meramente sociológicas, a questão polêmica da ordenação feminina (p. 191), com a generalidade "... todos nós somos ordenados ao ministério" (p. 193), fazendo referência a Ef 4.9-10.

No campo filosófico, Campolo abraça uma compreensão indefinida e difusa. Às vezes suas discussões são respaldadas no pós-modernismo (pp.128-132), mas em outras ocasiões recorre a formas "hegelianas" ultrapassadas, como por exemplo, quando fala do comportamento da criança e recorre a *tese, antítese e síntese* (pp. 224, 225) para demonstrar suas conclusões.

A compreensão teológica de Campolo é, evidentemente, não reformada. Suas motivações de evangelização e até de ação social são mais humanistas do que teocêntricas. Decididamente, ele não é um apreciador de Calvino, colocando-o em justaposição a Charles Wesley (p.123) e favorecendo abertamente ao último em detrimento da teologia do reformador. A apreciação de Campolo pela posição mais aberta e eclética de Wesley, e o seu deslumbramento com o pós-modernismo ao qual já nos referimos, leva-o a declarar Wesley como sendo "um pós-moderno muito antes de se falar sobre pós-modernismo" (p. 123). O zelo de Oliver Cromwell, que procurou purificar a igreja abolindo ídolos, incomoda

Campolo, pois "hoje em dia lamentamos quanta arte medieval foi perdida" (p. 199). Em sua opinião, a igreja foi prejudicada, pois ficou carente de entendimento sobre a espiritualidade daquela era, conhecimento esse que nos seria transmitido pelas obras de arte destruídas. Semelhantemente, sua compreensão do que se constitui a "vontade de Deus" – vontade intencional, circunstancial e última (pp. 48-49), mais parece retratar um Deus que reage ao homem soberano do que ser uma visão bíblica do Deus que soberanamente executa os seus planos na história.

Pode parecer, com essas observações, que estou ávido em jogar Campolo e seu livro no lixo. Espero não ter dado essa impressão. Gostei da leitura: Campolo me deu novas perspectivas de aferição da vida cristã e estimulou o meu pensar. Não recomendaria o seu livro a todos, entretanto. Se pudesse editá-lo à vontade, possivelmente teria um bom livro com cerca de 50% de excelente material de reflexão. Tenho, entretanto, a preocupação real de que os escritos de Campolo, se absorvidos sem um mínimo de discernimento e crítica, venham a causar mais dano e divisão do que bem. Quanto à sua tradução e disponibilidade em português, é minha compreensão que atravessamos um estágio na igreja brasileira em que a exposição e aplicação prática das doutrinas básicas, aliada a uma real reformulação de estilos de vida herdados de uma "cultura malandra" por natureza – conformando-os à postura bíblica de honestidade, seriedade e sobriedade – representa a grande necessidade a ser preenchida. Esse objetivo só será alcançado com obras mais "pé no chão" e direcionadas à nossa realidade, fugindo de estímulos até um pouco mais intelectualizados e interessantemente controvertidos, mas que passam ao largo da cristalina ortodoxia. Simplicidade é a palavra chave, e nem sempre o traslado das experiências americanas, tão diversificadas das nossas, é o melhor caminho. Despertar o interesse dos leitores brasileiros, tão inclinados ao sensacionalismo e avessos à leitura, para a simplicidade da verdade, é o grande desafio editorial e de marketing confrontado pelas nossas editoras evangélicas, principalmente aquelas de cunho confessional.

— *Solano Portela*